

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

A ALFABETIZAÇÃO DIGITAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL PROFESSORES

Ayala de Sousa Araujo¹

EIXO TEMÁTICO 8 – Tecnologia, mídia e educação

RESUMO

O presente artigo reflete sobre o lugar da alfabetização digital nas práticas pedagógicas dos professores e dos programas de formação inicial, sem, todavia, ficar a margem do letramento. Se é certo que, conforme o ideário freiriano, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, é, igualmente certo que, no âmbito da alfabetização digital, o domínio da aquisição da leitura precede o domínio da aquisição da (de)codificação digital. Isso, porém, não é simples. É preciso preparar professores. Inspirando-se na problemática de pesquisa em andamento busca-se estudar a importância da formação inicial de professores com ênfase na relação da alfabetização básica e da alfabetização digital nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma revisão de literatura, impressa e digitalizada, afinada com a temática. Tem como marco teórico autores como Paulo Freire, Eliana Romão, etc.

Palavras-chave: Formação de Professores. Alfabetização Fundamental. Alfabetização Digital.

RESUMEN

En este artículo se reflexiona sobre el lugar de la alfabetización en las prácticas pedagógicas de los profesores y los programas de educación, sin que, sin embargo, el margen de la alfabetización. Si bien es cierto que, como el de Freire ideas, la lectura del mundo precede a la lectura de la palabra, es igualmente cierto que, dentro de la alfabetización digital, el área de adquisición de la lectura precede a la adquisición del dominio (de) codificación digital. Esto, sin embargo, no es sencilla. Es necesario preparar a los profesores. Basándose en el tema de la investigación en curso pretende estudiar la importancia de la formación inicial del profesorado, con énfasis en la relación entre la alfabetización básica y alfabetización digital

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Orientadora: Eliana Sampaio Romão.
E-mail: sousayala@gmail.com.

en los primeros años de escuela primaria Por lo tanto, para la preparación de este documento es una revisión de la literatura. Sus autores del marco teórico, como Paulo Freire, Eliana Romão, etc.

Palabras clave: Formación del Profesorado. Alfabetización Primaria. Alfabetización Digital

Introdução

Como profissionais da educação, faz parte de nosso compromisso ético e estético (Paulo Freire, 1997), mediar o processo formativo das crianças que estão conosco. Nesse sentido, a muito que procuramos o caminho da educação de qualidade, práticas pedagógicas e aprendizagens significativas no contexto das Unidades Escolares. A contribuição educacional se dá na medida em que a escola reconhece as relações sociais e os instrumentos culturais aos quais os/as estudantes têm acesso, buscando como propõe Freire (1997), na prática social, a fonte e o fim dos conhecimentos que serão trabalhados.

Percebe-se nas escolas uma significativa evolução nos discursos pedagógicos, porém, ainda há situações de tensões com a prática educativa. Tal fato se reflete nos índices ainda não satisfatórios de alfabetização de nossos alunos, pois, a distribuição desigual de oportunidades educacionais não se concretizaram e muitas crianças que são matriculadas nas escolas continuam sem aprender a ler e a escrever.

A solução para o problema do fracasso escolar, durante a alfabetização, exige mudanças nas concepções de ensino e aprendizagem, bem como, sobretudo, empenho do poder público, dos programas de formação de professores e dos educadores no sentido de garantirem condições para que o sistema educacional possibilite a efetiva aprendizagem e, enfim, a base para avançar em novos desafios.

Nesse sentido, verificamos nas unidades escolares brasileiras um alto índice de alunos não-alfabetizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Presenciamos na mídia dados que colocam a educação brasileira em posições não satisfatórias nos ranques internacionais e isso se deve, em grande parte, ao não domínio das habilidades de leitura, escrita e interpretação textual pelos alunos, dificultando a aprendizagem de novos conteúdos. De acordo com os dados do terceiro relatório anual do movimento Todos Pela Educação (2010), levando em consideração as metas intermediárias estabelecidas pelo movimento para o ano de 2009, apenas 34,2% dos estudantes aprenderam o que deveriam em língua portuguesa no 5º ano (4ª série) do Ensino Fundamental - a meta era de 36,6%.

Assim, não é possível se colocar frente a não aprendizagem e a não alfabetização dos alunos, sem questioná-las, tomando-as como normal. Sendo a escola o lugar de inclusão e

democratização do acesso a estudantes e garantia de seu desenvolvimento é impossível constatar essa realidade e estar satisfeito/a. Por outro lado, é notório a habilidade das crianças no domínio de utilização de diferentes recursos midiáticos - TIC (TV, vídeos, jogos eletrônicos, internet...). Nesse sentido, este estudo pretende refletir em como fazer dialogar os princípios da alfabetização básica como base para o desenvolvimento da alfabetização digital.

A prática da alfabetização digital pode ser considerada como uma habilidade de interação social em situações diversas para a promoção de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre os alunos e os educadores, de forma que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima além, de contribuir para o processo de alfabetização dos alunos.

Assim, este artigo pretende trazer reflexões sobre qual o lugar que está sendo dado, pelos profissionais da educação, em relação ao letramento digital. É necessário refletir sobre qual é realmente a maior problemática das escolas: o não domínio das tecnologias ou o não domínio das práticas de leitura e escrita em diferentes contextos e situações. Estamos imersos na sociedade do conhecimento, da informação, o que nos força a dominar processos de usos do computador e internet.

Entretanto, a garantia da alfabetização digital, requer o domínio e o desenvolvimento da alfabetização básica pelos alunos. Mesmo porque, acreditamos que “sem a aprendizagem e a prática da leitura fundamental, continuaremos desmobilizados para o que acontece diante dos olhos. Capazes de olhar, mas incapazes de ver” (ROMÃO, 2008, p.136). Assim, a alfabetização digital, portanto, pode ser uma estratégia metodológica que pode contribuir e estimular tal apropriação, favorecendo o envolvimento dos alunos em diferentes contextos de letramento digital ou não.

Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma revisão de literatura, onde se selecionou diversos autores que produziram conteúdos relacionados com a temática, onde se fez levantamentos bibliográficos através de livros, artigos, documentos disponibilizados via internet favorecendo o diálogo com diferentes autores pesquisadores do tema em questão.

Ainda assim, o presente estudo, leva em consideração a relação entre a formação de professores no contexto da relação entre os princípios da alfabetização básica e da alfabetização digital, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para Chartier, “continua existindo uma profunda brecha entre a obsessiva presença da revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura” (CHARTIER, 2009, p. 36). Por isso, nossas reflexões sobre o tema, está voltada ainda a refletir sobre como as tecnologia digitais estão

sendo incorporadas pelos educadores. O autor não disse, mas nos remete a dizer seguramente que tal brecha brota em menor profundidade entre as quais avulta o mau uso das tecnologias educativas e, com efeito, o despreparo dos educadores em lidar com as exigências de uma nova era.

Relação entre alfabetização fundamental e alfabetização digital

Estamos imersos em nossa sociedade em contextos cada vez mais letrados. Essa realidade exige capacidade para utilizar-se desses meios de forma consciente, autônoma e crítica nas diferentes situações sociais observáveis no cotidiano educacional. Exige, sobretudo, o "olhar mais crítico possível da realidade, que a 'des-vela' para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante" (FREIRE, 1980, p.29).

Nesse sentido, propomos a reflexão sobre a relação entre as práticas e domínio da alfabetização básica e do letramento digital, considerando a necessidade de que ao estarmos vivendo a necessidade do domínio e apropriação das tecnologias digitais, isso requer intencionalidade clara dos professores alfabetizadores para poder "utilizar, da melhor maneira, as tecnologias disponíveis" (PEREIRA, 2007, p. 20), e conseqüentemente estar tanto mais bem informado, crítico, culto.

Concordamos que o uso das TIC pode atuar como importante meio didático. Para tanto, insistimos, é necessário uma prática pedagógica efetiva de desenvolvimento da alfabetização de nossos alunos para que possam utilizar-se das tecnologias digitais com autonomia e consciência crítica. Como afirma Freire (1980, p. 26) "a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica". Nesse sentido, o "letramento digital, implica tanto a apropriação de uma tecnologia, quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital" (FRADE, 2007, p. 60).

Assim, vale destacar que na sociedade do conhecimento que estamos vivendo faz-se necessário o oferecimento na escola de um ambiente escolar democrático e cooperativo que estimule a pesquisa e a investigação demonstrando sua influência no desenvolvimento do pensamento e na criatividade de seus alunos.

O papel da escola e dos docentes na construção do desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral, deverá objetivar a inserção dos alunos como cidadãos autônomos e conscientes na

sociedade diversa que estamos vivendo. Para isso, a escola precisa cultivar a responsabilidade de trabalhar ao mesmo tempo, que respeitando a diversidade das crianças, o desenvolvimento das capacidades cooperativas e o domínio das diferentes linguagens pelos alunos é imprescindível. No entanto, no sentido de que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente" (FREIRE, 1989, p.20).

Estar alfabetizado e, interagir em diferentes contextos de usos da leitura e da escrita é chave, entre tantas, para o processo de inclusão educacional e digital, pois do ponto de vista social e educacional “é necessário enfrentar o desafio de implementar práticas de acesso as aprendizagens, por meio da leitura e da escrita, com o objetivo de propiciar aos alunos “entender o que se lê e escrever o que se entende”, isto é, 'comunicar-se graficamente” (FREIRE, 2007, p. 119). E isso, defendemos, se dá mediante o domínio da alfabetização básica pelos alunos, pois “mediante a aprendizagem da leitura básica e a apropriação do conhecimento já existente parece ser possível acessar outros conhecimentos, relacioná-los com novos conhecimentos, decifrá-los, escrevê-los, sem desatinos, sem pudores, sem limites” (ROMÃO, 2008, p. 136).

Portanto, a exclusão educacional, pelo não domínio e práticas da alfabetização básica, é o início da exclusão digital, já que o acesso ao conhecimento por meio das diferentes linguagens é condição para que o repertório cultural das pessoas possa se desenvolver. Assim, “como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1997, p.110). Isso implica não apenas em se garantir o acesso a todos os alunos, muito menos por uma falsa promoção, sem que os mesmos tenham desenvolvido a capacidade de compreender os símbolos escritos, mas a organização de um trabalho intencional que contribua efetivamente para aprendizagens em lidar com o desconhecido. Implica também, em se desenvolver um trabalho pedagógico elaborado de forma a atender a cada fase de desenvolvimento humano, respeitando e propondo desafios que permitam a todos/as avançarem nesse sentido.

Acreditamos que, no sentido de contribuir com o domínio em lidar com as demandas a altura de seu tempo através do desenvolvimento da alfabetização básica, a utilização de plataformas de aprendizagem e a exploração e construção de ambientes virtuais, aliados a uma estratégia colaborativa de aprendizagem, são recursos que estão disponíveis ao professor, podendo enriquecer o diálogo e as relações entre professores e alunos, alunos e alunos, contribuindo assim para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, Para o uso adequado das TIC não basta apenas a garantia do acesso, mas criar um ambiente que permita

o uso da capacidade crítica, discernimento, análise e compreensão dos meios em si, bem como, as informações difundidas, isto é, “dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento” (PEREIRA, 2007, p. 20).

Concordamos com Buzato (2006, p. 16) que o letramento digital,

[...] são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.

E isso nos faz repensar sobre qual está sendo o lugar das tecnologias nas práticas educativas, como o professor vem percebendo a necessidade do compromisso da alfabetização básica dos alunos como mecanismo de inserção nas práticas de alfabetização digital, “é saber a serviço de quem, e de quê, a informática entrará [...] maciçamente na educação brasileira”, (FREIRE; GUIMARÃES, 2003, p. 101), contribuindo com a apropriação do letramento pelo uso de diferentes linguagens.

Assim, enfatizamos a importância dos programas de formação inicial de professores no desenvolvimento e construção dessas concepções. Portanto, “as condições ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramento de um primeiro saber inicialmente apontado como necessário a formação docente, numa perspectiva progressista. Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1997, p. 47). A formação inicial de professores deverá levar em consideração a reflexão sobre a prática docente, sobre as problemáticas concretas da demanda educacional, permitindo aos professores poder analisar suas concepções, posturas, atitudes com o propósito da auto avaliação consciente e crítica. Elaborando intervenções educativas fundamentadas em seu fazer pedagógico.

A formação de professores no contexto da alfabetização digital

Acreditamos que uma prática educacional voltada a altura do nosso tempo, isto é, efetivamente emancipatória, que suscite processos de conscientização, compreensão crítica e participação requer o domínio de habilidades básicas por nossos alunos, entre elas, o domínio da alfabetização básica e seu uso em diferentes contextos como instrumento de entendimento da realidade.

Concordamos com Freire (1989, p. 11 e 24), quando afirma que,

[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Assim, é imprescindível a garantia da aprendizagem de nossos alunos para que possam atuar como sujeitos ativos e capazes de lidar com as demandas do seu tempo.

Nesse sentido, a prática educativa, mediada pelo educador, se modifica bastante quando ele abre as portas da sala de aula para as tecnologias da informação - TIC, quando possibilita que seus alunos possam interagir com diferentes e novos meios de busca de informações. O que queremos dizer aproxima-se de Brunner (2004, p.25), quando diz que “o problema para a educação na atualidade não é onde encontrar a informação, mas como oferecer acesso a ela sem exclusões e, ao mesmo tempo, aprender e ensinar a selecioná-la, avaliá-la, interpretá-la, classificá-la e usá-la”. O educador passa a ser o orientador desta busca e procura estimular seus alunos na utilização dos recursos possíveis, o maior número de alternativas para as situações que forem propostas, para a resolução das situações no ambiente educativo.

A problemática da exclusão digital parece ser bem maior que o não acesso aos recursos físicos para uso da rede, porém, implica ao despreparo para acessar e usar informações desse meio. Isso reforça nossa reflexão sobre qual o lugar que está sendo dado a esses recursos na prática, bem como, qual trabalho vem sendo desenvolvido no intuito de garantir a alfabetização fundamental dos alunos.

O professor parece não estar preparado diante dessa realidade, sobretudo, no uso das TIC como suporte pedagógico. Entretanto, para Kenski (2009, p. 45), “as novas tecnologias de comunicação (TICs) [...] quando bem utilizadas provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado”. Para isso, é necessário seu domínio e utilização de forma crítica. Organizar o trabalho pedagógico com vistas a atender as demandas que o tempo nos impõe, mediante a apropriação teórico-prática, de forma consciente, de concepções pedagógicas e da indignação com a não aprendizagem, bem como, a não promoção automática dos alunos.

Assim, é necessário centrar a atenção na formação da competência do docente em seu processo de formação inicial, pois,

[...] a formação de professores ganharia muito se se organizasse, preferentemente, em torno de situações concretas, de insucesso escolar, de problemas escolares ou de programas de ação educativa. E se inspirasse

junto dos futuros professores a mesma obstinação e persistência que os médicos revelam na procura das melhores soluções para cada caso (NÓVOA, 2009, p. 34)

Nesse sentido, é necessário acompanhar os programas de formação de professores alfabetizadores e em que medida estes possam relacionar a competência em alfabetização básica como base para o desenvolvimento da alfabetização digital, já que é “ali que se formam os quadros profissionais que mais do que dar vida, continuidade, e inovação a produção, irão formar um exército de usuários para consumo de bens e serviços da informação” (KENSKI, 2009 p.63).

Por isso, o/a educador/a é um mediador entre estudante e descoberta, alfabetização e tecnologias - TIC. São os desafios propostos, por estes, que permitirão aos estudantes avançar, pois consideramos que estes aprendem a partir de práticas pedagógicas contextualizadas, sendo estimulados a refletir criticamente em relação aos acontecimentos à sua volta, sendo ativo em seu processo de aprender. Mesmo porque,

[...] ler o mundo sempre precede ler a palavra, e ler a palavra implica continuamente ler o mundo... Neste caminho, entretanto, nós podemos ir mais longe e dizer que ler a palavra não precede meramente o ato de ler o mundo, mas de uma certa forma de inscrevê-lo ou reescrevê-lo, que é de transformá-lo por significados de consciência, trabalho prático. (FREIRE; MACEDO, 1987, p. 35).

Portanto, a relação entre alfabetização básica e alfabetização digital, implica num repensar sobre a dinâmica das relações formativas e pedagógicas, entre instituições formadoras, docentes e discentes, não apenas em se reconhecerem como ser plurais, mas ator, sujeito, produto e produtor de uma história.

Nesse sentido, é necessário ao professor, definir qual o modelo de sociedade e homem deseja formar e conseqüentemente qual sua concepção de ensino e de aprendizagem, e quais respaldos teóricos se apoia. Importa afirmar que o uso dos suportes digitais por si só não traz aprendizagens nem mudanças, requer usos intencionais e bem planejados, principalmente se for de forma interdisciplinar, voltados a uma educação emancipatória e na formação de sujeitos críticos e participativos.

Assim, as práticas de alfabetização devem primar para a compreensão das dificuldades, obstáculos de aprendizagem e auxílio na elaboração de intervenções capazes de otimizar individualmente as aprendizagens, isto é, a avaliação deverá ser formativa e a proposta metodológica dessa forma de avaliar deverá fundamentar-se em bases epistemológicas construtivista, sócio-interacionista e em princípios pedagógicos relacionais.

É necessário considerar a diversidade dos sujeitos, seus conhecimentos e estruturas cognitivas e, ainda, seus diferentes ritmos de aprendizagem estimulando o avanço e superação de problemas/dificuldades durante o processo.

Assim, nas atividades envolvendo a alfabetização devem ser criadas situações de ensino e aprendizagem nas quais os alunos possam ser estimulados a organizar seu próprio estudo, participar de discussão e interação em situações reais de comunicação e interação com os envolvidos no ambiente educacional. A interação, com base no uso do diálogo, planejada e intencional estimula a compreensão ao mesmo tempo em que propicia o estímulo a construção de práticas de leitura e escrita em diferentes contextos que o tempo nos impõe.

Considerações Finais

Acreditamos que o desenvolvimento desse trabalho, favorece reflexões sobre o fazer pedagógico no que diz respeito a prática de alfabetização em favor do processo de inclusão social, educacional, digital, mediante a apropriação da alfabetização básica pelos alunos de maneira crítica para que possam utilizar-se, também, dos suportes digitais.

Nos propomos ajudar a pensar como a garantia do desenvolvimento da alfabetização básica pelos alunos pode contribuir com as práticas de letramento em diferentes contextos, inclusive e a partir do contexto digital. Para tanto, cabe ao professor refletir e definir conscientemente sua concepção de educação, de ensino, de aprendizagem de alfabetização, letramento e como incorporar as tecnologias digitais no processo de aprendizagem dos alunos, considerando que o letramento é uma das condições fundamentais para a o efetivo exercício da cidadania.

Cabe aos educadores a compreensão, domínio e controle da tecnologia, humanizando seu uso a serviço a favor de aprendizagens mediante o planejamento e práticas pedagógicas voltadas para a busca de soluções da garantia dos processos de alfabetização e letramento dos alunos para que possam interagir em diferentes contextos, e os programas de formação inicial de educadores têm um importante papel nesse sentido.

Faz parte da função dos educadores identificar, descrever as necessidades dos sujeitos aprendizes, conduzir o levantamento do contexto e necessidade escolar, projetar processos pedagógicos dominando processos efetivos de ensino, de aprendizagens e garantia do domínio pelos alunos das práticas de comunicação visual, leitura e escrita.

Dessa maneira, entendemos que a escola contribuirá melhor para que os alunos

possam dominar e interagir em diferentes práticas de letramento, incluindo o digital, podendo participar de práticas contextualizadas a altura de seu tempo.

Referências

BRUNNER, J. J. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e novas tecnologias**: Esperanças ou incertezas? São Paulo: Cortez, 2004.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede. 2006. Disponível em: http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf. Acesso em: 04.06. 2012.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo** (Tradução de Cristina Antunes). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização digital: problematização de conceito e possíveis relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana, RIBEIRO, Ena Elisa. **Letramento digital**. Aspectos Sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo; MACEDO. Donaldo. **Alfabetização** - Leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação**: volume 2 (diálogos). São Paulo,

Paz e Terra, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação** 5 ed. (Coleção Papyrus Educação). Campinas, SP: Papyrus, 2009.

NÓVOA. António. **Professores**. Imagens do futuro presente. Lisboa. Educa, 2009.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, Carla Viana, RIBEIRO, Ena Elisa. **Letramento digital**. Aspectos Sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ROMÃO, Eliana. Cultura escolar e cultura digital: aproximações suspeitosas de uma aliança esquecida. In: PONTES, Altem Nascimento; PONTES, Aldo (Orgs.). **Pesquisa e prática docente sobre educação e comunicação**. Belém: EDUEPA, 2008.

Todos pela Educação. **Aprendizado é o maior entrave para a melhoria da qualidade da Educação no Brasil, aponta 'De Olho nas Metas 2010'**. Publicado em 01 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/sala-de-imprensa/releases/12085/aprendizado-e-o-maior-entrave-para-a-melhoria-da-qualidade-da-educacao-no-brasil-aponta-de-olho-nas-metas-2010?pag=2>. Acesso em: 15.01.2011.